

O ROMANCE MACHADIANO “DOM CASMURRO” SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DA RECEPÇÃO

Caroline Alves da Silva (UNIOESTE)¹
Cleidi Strenske (UNIOESTE)²
Keila Guedes Fernandes Peretto (UNIOESTE)³

Resumo: o romance “Dom Casmurro”, de autoria de Machado de Assis, vem sendo, desde a época de sua publicação, objeto de discussões e problematizações acerca de um dos seus temas centrais: a infidelidade conjugal da personagem Capitu a seu marido, Bento Santiago. Nesta perspectiva, este trabalho visa analisar e relacionar as interpretações da obra realizadas no decorrer do tempo embasando-se na teoria literária da Estética da Recepção, criada na década de 1960 pelo crítico literário Hans Robert Jauss; teoria, esta, que considera o leitor como elemento central da interpretação do texto literário. Como aporte metodológico nos valeremos de Castro (2013), Lopes (2011), Tomazi (2016) e Zappone (2003). Concluiu-se, a partir desta pesquisa, que as ideologias, culturas e costumes vigentes em cada momento sócio-histórico são determinantes para o entendimento e posicionamento dos leitores(as) quando à culpabilidade (ou não) da protagonista Capitu.

Palavras-chave: Estética da Recepção; Interpretação literária; Dom Casmurro.

Considerações Iniciais

Este trabalho compõe a APCC (Atividade Prática de Conclusão de Curso) da disciplina de Literatura Brasileira I, ministrada pelo professor Paulo Konzen, do 2º ano de Letras. Alicerçando-se nos preceitos da teoria literária denominada Estética da Recepção, originada na década de 1960 pelo crítico literário Hans Robert Jauss, esta pesquisa tem por finalidade analisar a obra “Dom Casmurro”, de autoria de Machado de Assis, a partir de diferentes momentos históricos e sociais. Esta pesquisa visa, mais especificamente, compreender as diversas interpretações realizadas pelos leitores(as) da referida obra no decorrer do tempo, e como essas interpretações foram e ainda são condicionadas pelas ideologias vigentes em cada época. O foco central desta pesquisa é o estudo de como um dos temas centrais da obra, isto é, a traição conjugal da protagonista Capitu, foi e continua sendo recepcionado por aqueles que fazem a leitura do romance.

¹ Graduanda do 2º ano do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

² Graduanda do 2º ano do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

³ Graduanda do 2º ano do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

Para os propósitos do presente estudo, fez-se uma breve análise histórica acerca da maneira em que mulher era vista no período de publicação do livro, a saber, no ano de 1899, e como para os renomados autores e críticos literários a possibilidade de infidelidade da personagem era inquestionável: Capitu deveria assentar-se no banco dos réus, pois era indiscutivelmente culpada. Todavia, percebeu-se que com o passar dos anos, principalmente a partir da publicação do livro “O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro” pela escritora norte-americana Helen Caldwell, este cenário se inverteu: a narrativa, feita em primeira pessoa pelo protagonista Bento Santiago, passou a ser vista como suspeita e duvidosa. Neste sentido, Caldwell foi pioneira em criar uma nova forma de análise, possibilitando novas leituras e mostrando um novo horizonte de interpretações possíveis para a obra.

Por fim, a peça central que abre essa possibilidade de diversas interpretações é a riqueza da escrita de Machado de Assis, permeada de intertextualidade e de polissemia, não entregando a resposta para o leitor, mas deixando-o intrigado com todas as incompletudes de sua obra, postas ali conscientemente para deixar as informações no ar, sem respostas corretas, somente possibilidades. Deste modo, somente o leitor, com toda a sua bagagem literária e de mundo poderá fazer uma leitura crítica do romance.

Como metodologia deste trabalho utilizou-se a pesquisa bibliográfica interpretativa, fundamentando-se em autores como Castro (2013), Lopes (2011), Tomazi (2016) e Zappone (2003).

Desenvolvimento

A Estética da Recepção, teoria da literatura originada no final da década de 1960 pelo escritor e crítico literário Hans Robert Jauss, trouxe diversas contribuições no que tange à interpretação de textos, deslocando tanto o autor quanto a materialidade textual como os únicos elementos responsáveis pela produção de sentido daquilo que está escrito. A figura do leitor, por sua vez, juntamente com toda a sua experiência de vida e conhecimento de mundo, inserido em determinado momento histórico e social, tornou-se responsável pela maior parcela de atribuição de sentido dos textos literários.

De acordo com a professora Mirian Hisae Yaegashi Zappone,

A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transformam em sentido quando alguém resolve ler. E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na

construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2003, p. 136)

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que um romance, lido há pouco mais de um século, poderá receber diferentes interpretações e ser recepcionado por diferentes ângulos a partir de sua instância leitora. Este é o caso, por exemplo, do romance machadiano “Dom Casmurro”, publicado no ano de 1899. A obra, prestigiada desde a época de sua publicação, tem gerado grandes discussões acerca de um de seus temas centrais: a traição conjugal (ou não) da personagem Capitu a seu marido e protagonista, Bento Santiago.

Entretanto, para que seja possível a análise deste processo histórico, torna-se necessário conhecer os diferentes costumes, ideologias e culturas que permeiam cada época, de modo que se esclareça que, o que hoje se tornou foco de discussões, antigamente era dificilmente questionado: a boa-fé do narrador (homem, branco e pertencente à alta classe burguesa).

Primeiramente, assim que foi escrito, “Dom Casmurro” circulou e foi lido principalmente pela classe burguesa, patriarcal; pesquisando-se mais a fundo, descobre-se, inclusive, que jurídica e legalmente, nos anos em que se passou a obra, apenas a mulher era denominada e considerada adúltera. O Código Penal dos Estados Unidos do Brasil do ano de 1890, em seu artigo 279, inserido no capítulo IV “DO ADULTÉRIO OU INFIDELIDADE CONJUGAL”, considerava que: “Art. 279. A mulher casada que cometer adultério será punida com a pena de prisão celular por um a três anos.” (BRASIL, 1890), e continua afirmando que “§1º Em igual pena incorrerá: 1º O marido que tiver concubina teuda e manteuda” (Brasil, 1890). Ou seja, por meio da redação do texto legal, observa-se que o crime cometido pelo homem não era denominado necessariamente de “adultério”, enquanto a mulher expressamente era adúltera: o que é revelador sobre o modo de pensar da sociedade da época.

Ademais, a mulher casada deveria ocupar-se com as atividades domésticas e cumprir suas funções maternas, além de dedicar-se ao esposo e zelar por sua imagem quanto esposa e mãe, de modo a não permitir que lacunas fossem abertas para julgamentos sociais acerca de seu comportamento – o que pode observado por meio das literaturas do século XIX.

Nas palavras da professora Silvana Fernandes Lopes,

Os romances do século XIX revelam a extrema submissão da mulher em relação ao grupo familiar e às normas sociais em geral. Como exemplo, a mulher não deveria sair desacompanhada de parentes ou escravos. Quando isso acontecia, sua moralidade poderia ser colocada sob suspeita. (LOPES, 2011, p. 126)

Conclusivamente, portanto, estamos diante de leitores(as) do fim do século XIX e do início do século XX que possuem uma visão patriarcal e exigem do sujeito feminino uma conduta imaculável, pura, para que esta fosse efetivamente respeitada e vista com bons olhos pela sociedade. Logo, não é surpreendente o fato de que, nesta época histórica, não houvesse dúvidas sobre a traição de Capitu, por meio das acusações (hoje consideradas inconsistentes) de Bento Santiago.

Em um site chamado *Papo de Homem* encontramos o texto de Alex Castro (2013) que discute posicionamentos de autores ao longo do tempo quanto à traição de Capitu. Por meio da página, percebemos que a visão a respeito deste tema foi inquestionável por autores renomados como José Veríssimo, Dalton Trevisan, Barreto Filho, entre outros. Barreto Filho, por exemplo, diz que:

Essa infidelidade (de Capitu) excede o conflito moral que os romances exploram no adultério. O livro não tem semelhante vulgaridade. É uma falha mais radical, uma traição à infância, uma negação da poesia da vida, tanto mais dura, quanto se tem a impressão de que tinha de ser assim./.../ Infiel é a vida. Capitu é a imagem da vida. (FILHO, 1947 *apud* CASTRO, 2013)

Até a primeira metade do século XX não houve nenhuma publicação a respeito da possibilidade da inocência de Capitu, Filho (1947) expressa um pensamento que por muito tempo foi hegemônico e característico do período contemporâneo à publicação da obra. Todavia, este cenário passa a mudar a partir da década de 1960, com o levantamento da hipótese, pela professora e crítica literária norte-americana Helen Caldwell (responsável por traduzir a obra para o inglês), de que Capitu pode não ter traído, mas sim ter sido vítima das acusações improcedentes de Bentinho. A autora escreve sobre essa possibilidade em seu livro “O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro”.

Mas como é possível que uma interpretação contrarie a performance narrativa de Bento Santiago? O artigo de Nilmara Tomazi (2016) discorre sobre a teoria da estética da recepção em obras machadianas e nos ajuda a responder essa indagação. Seu fundamento está na amplitude de possibilidade que a escrita de Machado de Assis permite, e na teoria da estética da recepção que parte do pressuposto de que a leitura é uma ação polissêmica e que sua interpretação deriva das experiências do leitor. Essas experiências podem contribuir para que o leitor possa observar de forma crítica os fatores que transcendem a narrativa dos personagens e que podem implicar no encontro de contradições que mudam o panorama da história.

No caso das obras machadianas estudadas por Tomazi (2016), as narrativas são ricas em elementos que podem interagir com a bagagem crítica do leitor.

Pensando em “conduzir” a leitura do narratário, Brás Cubas e Bento Santiago manipulam suas narrativas conforme lhes é conveniente [...]. Assim, dependendo do que o leitor ou a leitora aceitam como “verdade” (dentro dos limites da ficção) é que construirá uma crítica sobre as obras. (TOMAZI, 2016, p.48)

Para a autora, as narrativas dos personagens machadianos e suas “verdades” defendidas causam um horizonte de expectativas assentadas na dúvida, e essa é a riqueza das obras; para os leitores mais experimentados em Machado de Assis, a leitura e releitura trazem elementos novos para novas interpretações na medida em que a intertextualidade entre as obras oferece novos estímulos. Diante disso, as obras machadianas são carregadas de dizeres que estabelecem relação com outros dizeres e assim ampliam suas possibilidades de interação e, conseqüentemente, interação texto/leitor, o que implica na ampliação de possíveis interpretações. Esta expansão de sentidos advinda de interação texto/leitor, carrega ainda outro aspecto, que abarca desde a maturidade leitora, psíquica e social a contatos com obras machadianas. Este contato com outras obras torna-se determinante para que seja possível aprofundar as possibilidades de interpretação de um romance como, por exemplo, a obra em análise “Dom Casmurro”, pois o contato prévio com os outros romances de Machado de Assis promove uma relação intertextual muito utilizada pelo autor.

Além disso, a teoria da Estética da Recepção sempre contará com o efeito de experiência leitora primária; neste sentido, as informações relevantes nesse primeiro contato podem determinar o modo de interação com a própria obra em um novo momento de leitura e carregar impressões para abordagens de leituras futuras. Este aspecto da Estética da Recepção possibilita um arcabouço para interpretações em práticas leitoras posteriores, isto de modo crítico, o que potencialmente exercerá pressão nas escolhas de leitura, formando desta maneira um desencadeamento de informações sobre as várias obras lidas e a frequência temática promovida pelo autor. Desta maneira, o leitor se torna habilidoso na leitura analítica e poderá interpretar de modo autônomo os significados de um romance polissêmico. Para Tomazi (2016), a direção de significado do tema deriva destas influências, sendo a

primeira impressão é que definirá o decorrer da leitura. Após essa experiência primária, a recepção passa de sua forma “ingênua” para começar a se tornar crítica. Direciona-se, a partir daí, para os níveis de compreensão e interpretação. Somente depois de atingir esses níveis é que se pode “criticar” uma obra ou, ainda, tentar reconstruir as intenções do autor ao desenvolvê-la. Nesse sentido, juntamente com as análises de *Memórias Póstumas*,

Quincas Borba e Dom Casmurro, pode-se criar uma hipótese (ou várias) sobre a intenção de Machado ao escrever esses textos da maneira como o fez. (TOMAZI, 2016, p. 46 - 47)

É, portanto, um amplo conjunto de atividades dos aspectos relacionados a intertextualidade e outros fatores que moldam a estética da recepção leitora, que também determina a atemporalidade de uma obra, fazendo com que ela seja recepcionada e revisitada por leitores ao longo do tempo. Todos esses conceitos influenciam o modo como o leitor irá receber um romance, um conto ou qualquer texto literário.

Considerações finais

Buscamos discutir nesse trabalho elementos pertinentes à leitura e as possíveis interpretações da obra “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. A escrita machadiana tem por característica a complexa performance narrativa de seus personagens, o que instiga o raciocínio crítico de seus leitores. Isto posto, a teoria da Estética da Recepção levanta possibilidades de pensar a relação entre obra e leitor, sendo a experiência do sujeito que lê fundamental para a interpretação dos não-ditos, das incompletudes, observação das contradições, entre outros elementos característicos da escrita machadiana.

Os diversos leitores da obra, inscritos em momentos históricos distintos, usufruíram de experiências de leitura diferentes. Isto ocorre por que as ideologias sociais vigentes em cada época influenciam o modo em que o leitor recepciona o romance, o que explica o motivo de a protagonista Capitu ter sido considerada inquestionavelmente culpada durante tanto tempo após a publicação do livro.

Vale destacar que as obras machadianas destoam dos movimentos literários de sua época por sua originalidade, trazendo elementos de cunho psicológico que só irão ser abordados posteriormente.

Referências

BRASIL, Decreto n. 847, de 11 de out. de 1890. Código Penal dos Estados Unidos do Brazil. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm Acesso em: 10/12/17

CASTRO, Alex. Dom Casmurro, um romance sobre a dúvida. In: **Papo de Homem**. 02 de julho de 2013. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/dom-casmurro/> Acesso 12/12/2017.

LOPES, Silvana Fernandes. Retratos de mulheres na literatura brasileira do século XIX. **Revista Plures Humanidades**, v. 12, n. 1, p. 117-140, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122396/ISSN1518-126X-2011-12-01-117-140.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10/12/17

TOMAZI, Nilmara. **Estética da Recepção em obras machadianas: um ensaio sobre *Quincas Borba, Brás Cubas e Dom Casmurro***. Uox, n.03, 2016/2, p. 45-52.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. **Estética da Recepção**. IN: BONNICI Thomas; ZOLIN Lucia Osana (orgs). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2003. p. 136.